

**“ARTE DE COZINHA”:
ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO
DE UM DOCUMENTO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)
rcrqueiroz@uol.com.br

A alimentação sempre foi, durante toda a história da humanidade, essencial. O ato de comer traz em si o profano e sagrado, pois representa não só o saciar das necessidades físicas, mas também a comunhão entre os homens e, neste sentido, é um ato cultural no qual deixa refletir a sua identidade, enquanto indivíduo e membro de um grupo. Deste modo, a “cozinha” e todos os elementos com os quais se relaciona fazem parte, no universo linguístico do qual partimos, do léxico, ou seja, do patrimônio vocabular da língua. Aqui tomaremos como corpus para as nossas análises léxico-semânticas o livro intitulado *Arte de Cozinha*, do português Domingos Rodrigues, cuja edição princeps data de 1680. No entanto, lançamos mão da edição realizada em 1987 pelas pesquisadoras Maria da Graça Pericão e Maria Isabel Faria, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. As referidas autoras tomaram como texto de base a edição de 1732, impressa em Lisboa na Oficina Ferreiriana. O estudo do vocabulário contido nessa obra tem como teoria de base o que propôs Eugenio Coseriu (1991) quanto aos campos lexicais. Assim, tomamos o capítulo VI (que trata de manjar-real e manjar branco), da segunda parte do livro *Arte de Cozinha*, de Domingos Rodrigues, para aplicação dos campos lexicais, com o intuito de mostrarmos as relações estabelecidas na língua, através do léxico, entre cultura e sociedade.